



ALEXANDRE GUARNIERIⁱ

05 poemas

1/uma lâmpada

é velha a luz da lâmpada elétrica: há um
filete d'elipses espiraladas, lacrado a vácuo
sob tão fina campânula de vidro, cujo relume
luta pela decifração da sombra, das bordas
do amplo salão nublado aos recônditos e dobras
do cômodo noturno. é uma vela repleta
a lâmpada elétrica, estriando um crepitar
constante de certa estrela irregular, que
é amarela; numa extremidade da cápsula
ovalada (como um figo sob a casca ou
qualquer outro gomo oblongo aceso desde
dentro) há uma rosca d'alumínio acoplada
ao bocal, quase igual ao caule curto duma
fruta, único. ao ligá-la, cintila, vaza a
flama que aparenta a queima através do
cristal unitário da cúpula tão delicada;
entretanto quando é nula (ou cancelada)
a conexão à rede de força, se esconde,
escura sob a máscara frágil, sua chama
dorme, some: quase se f o s s i l i z a.

2/dois discos rígidos

12

duplas drágeas biconvexas, de
prata, muito frias, pastilhas rígidas
inadvertidamente desprendidas
em pleno giro (discos), de um estrondoso
tambor de hidrogênio líquido;
tivessem um dos lados achatado
dir-se-iam disparos automáticos
estilhaços tão exatos, aos quais
soma-se entretanto o fato não ser
nenhuma catapulta este aparato

12

e jamais se suporia arriscado operá-lo
ao contrário, de íntegro protocolo
é o mecanismo notadamente fatigado
pois desde o dia do incidente não se
pôde apontar a causa, quiçá precisar
se fatal o resultado de tal falta,
destas duas pequenas jóias da lógica;
se o desencontro crítico no interior
de um labirinto maquínico, ou defeito
de fabricação, se erro humano,
abrupto, ou uso abusivo: o ponto
final no decurso do desgaste físico.

3/três engrenagens

123

três engrenagens se desgastam no trabalho de engatarem suas áreas: umas às outras; como uma lepra entre elas, quando o engate engasga, a escassez de óleo as engasta no encaixe; três engrenagens se desgastam no contato entre seus engates: uns contra os outros.

123

três engrenagens se desengatam do contrato entre seus encaixes : se desencontram; como uma trava entre elas, nos contatos em que engatam seus encaixes, subtraem-se às várias outras partes da clara maquinaria; rara cada uma das peças, a caixa nada original.

123

três engrenagens se desgastam até que parem de engatar suas áreas, umas às outras: se desencaixam, se desengatam, se são desastre, é para que inertes encontrem não o da máquina clássica mas este outro trabalho, anti-horário, álibi para nada: mero hábito celibatário.

pedra fundamental

não da pedra à perda: calcário e areia.
nem pedra cuja área se perca ou retraia.
não é a pedra de água: o frágil gelo que
valha. não é de pedra pequena que algum
alpendre prenda. nem essa pedra que
quebre: granito podre e breve. não é
a pedra que parta ao peso que antepare.
nem a pedra de ventre onde algum fruto
arrebente. mas a pedra de ser pedra
sendo-a simplesmente, pedra que não
desprenda de sê-la possível sempre.
pedra tão imprópria ao olho que imagem
não recolha por ser tanto nela mesma
o bloco que lhe é comum. tanto deserta
a pedra que destino algum destrua um
poder seu de ser pedra que de nada mais
dependa. pedra densa, perene, serena a
forma que tenha a límpida geometria dessa
área impenetrável. pedra tanto repleta de ser
pedra sendo-a sempre que não haja
idéia sequer para algo que não a seja.
pedra bruta, sombrosa, que não tendo
dentro ou fora sendo o centro que é inteira
a sua matéria severa. pedra sem erosão,
que, inerte, por quantos séculos penetre,
permaneça tão completa bem como descomunal.

(REVÓLVER)

agora o corpo onde se planejou inaugurar
 um crime novo é o alvo que a mira averigua
 e que não livra do agouro logrado outrora
 às juras injurídicas da tal perfídia
 fixada; para que a fúria fira (física): o
 furo; para que a ira flua e fure: o ferro;
 para que o ferro devore, irrevogável: um
 único disparo; para o projétil varado,
 operá-lo: a pólvora exata encapsulada à
 bala; para a pólvora uma válvula que a
 deflagre: a terrível alternativa do
 gatilho; espúrio o disparo que a arma
 pariu, sob o ato venéreo do adultério, o
 morto é aparo onde parou a espora,
 deparada com o largo estrago causado, ao
 furor diáfano que o tempero da pólvora
 queimada aflora no faro; o marido traído,
 a mulher infiel, filho, filha, o futuro
 inteiro da família feito prisioneiro numa
 ilha de íntimo desespero: o cadáver sequer
 esfria, ainda caído no ardil da armadilha.

ⁱ **Alexandre Guarnieri** é Licenciado em História da Arte e Educação Artística pelo Instituto de Arte da UERJ, é Mestre em Comunicação e Cultura/ Tecnologia da Imagem pela Escola de Comunicação da UFRJ. Como arte-educador atuou no Programa Educativo do Centro Cultural Banco do Brasil. Produziu materiais educativos para exposições de destaque no Rio. Atualmente integra o corpo técnico da Diretoria de Marcas do INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. "Casa das Máquinas" (2011), do qual estes poemas fazem parte, é seu livro de estreia. (A.G.)